

ECOS DA BAÍA DE GUANTÁNAMO

Eunice Goes

Até à data de publicação deste número da R:I, nenhum membro do Governo britânico foi visto nas poltronas do Teatro New Ambassadors a assistir ao documentário teatral *Guantánamo: Honour Bound to Defend Freedom*. Esta ausência não se deveu à falta de convites ou solicitações. Nicholas Kent, o encenador deste controverso documentário teatral, endereçou convites aos «ministros relevantes» para assistirem à sua última produção artística. Mas estes, por uma razão ou por outra, declararam-se (obviamente, da forma mais polida possível) indisponíveis para ver a peça sobre os britânicos detidos no Campo Delta há mais de dois anos.

Felizmente para Nicholas Kent, o público britânico tem mais disponibilidade do que o Governo, pois a sua peça conheceu lotações esgotadas semana após semana. De tal maneira que *Guantánamo* foi transferida do pequeno Tricycle Theatre no Norte de Londres para o New Ambassadors no West End, onde esteve em exibição até finais de Agosto. E em finais de Agosto começou uma temporada nos Estados Unidos, com o objectivo de estimular um debate público sobre este aspecto da «guerra ao terrorismo». Nicholas Kent diz ter certeza de que muitos norte-americanos não fazem qualquer ideia sobre o que se passa na baía de Guantánamo. Por isso, a *tournee* começou na Broadway, em Nova York, a tempo de coincidir com a Convenção do Partido Republicano, e seguindo depois para São Francisco, Pittsburgh, e Cambridge, Massachusetts.

O sucesso comercial de *Guantánamo* pode ser quase comparado ao dos musicais do West End em termos de venda de bilhetes e de aclamação crítica. Do *Guardian* ao *Daily Telegraph*, passando pelo *Independent*, *Evening Standard* e *Financial Times*, todos são em unânimes em saudar a relevância da peça, bem como a forma sóbria e lúcida com que as autoras Gillian Slovo e Victoria Brittain e o encenador Nicholas Kent, trataram o assunto. O crítico do FT foi mais longe ao afirmar que «todos aqueles que estão seriamente interessados nos valores que sustentam a civilização [deveriam] ver esta produção». E até o conservador *Sunday Times* disse que o «teatro britânico – na verdade, todos os britânicos – devem estar orgulhosos desta peça».

Mas se o êxito comercial de *Guantánamo* se assemelha ao dos musicais, os factores que o determinam são em tudo diferentes. «*Guantánamo*» não diverte, apesar de ter alguns momentos mais ligeiros, nem nos deixa sair bem-dispostos e com vontade de ir beber um copo. Pelo contrário, *Guantánamo*, com a sua poderosa mensagem, convida à reflexão e confronta-nos com a nossa consciência. Por outro lado, peças deste género estão a preencher um vazio deixado pela ficção televisiva, que nos últimos anos decidiu abandonar a actualidade política para se concentrar, quase exclusivamente, na «realidade» quotidiana.

O CAMINHO PARA GUANTÁNAMO

A popularidade de *Guantánamo* deve-se essencialmente a dois factores. O principal é sem dúvida o facto de o seu argumento se basear nos testemunhos orais dos familiares dos detidos (Slovo e Brittain gravaram mais de vinte e cinco horas de entrevistas), nas cartas que estes enviaram às suas famílias, nos depoimentos de advogados, de activistas dos direitos humanos, e nas transcrições das conferências de imprensa do Secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, e do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Jack Straw. Aqui reside muita da força de *Guantánamo*. O drama vivido pelos detidos em *Guantánamo* e seus familiares é real, e esse facto acaba por envolver – e de certa forma responsabilizar – o público. A alternância entre os testemunhos dos detidos e respectivas famílias com declarações de políticos ou magistrados resulta muito bem, na medida em que as histórias pessoais são colocadas no seu contexto legal e político.

A «personalização» do escândalo de *Guantánamo* é particularmente bem conseguida, pois não é feita de forma estridente ou sentimental. E este é o segundo ingrediente que explica o sucesso da produção de Nicholas Kent. O tom da peça é sóbrio e levemente sarcástico. Neste ponto, os cenários são muito importantes. A peça desenrola-se num espaço modesto, mas marcante. As jaulas verdes onde os prisioneiros estão encarcerados, as camas metálicas onde estes passam a maior parte do tempo, bem como o lamento das orações islâmicas que saem do megafone da prisão, dominam o palco.

A representação abre com a palestra de Lord Steyn, um *law lord* britânico, em que este denuncia o «buraco negro legal» que é *Guantánamo*. Com esta introdução, as autoras orientam o público para o principal argumento da peça, que é a denúncia do abuso de poder praticado pelas autoridades norte-americanas. Por outro lado, as autoras insistem na mensagem de que *Guantánamo* não é um processo legal, mas um processo político. Em traços gerais, a peça avança três ideias: os prisioneiros de *Guantánamo* são mal-tratados, alguns são inocentes, e os Estados Unidos estão a violar legislação internacional bem como princípios básicos do Estado de direito.

A versão curta da palestra de Lord Steyn serve de introdução às histórias pessoais de cinco (do total de nove) detidos britânicos. Na primeira parte, os detidos e os seus familiares explicam com detalhes arrepiantes, mas também humorísticos, as circunstâncias arbitrárias (e algumas delas absurdas) que os conduziram ao Campo Delta. O caso mais

absurdo é o de Bisher al-Rawi, que, curiosamente, é também aquele que proporciona os momentos mais leves da peça. Em cartas à família, Bisher descreve as suas «férias» na «estância balnear da Baía de Guantánamo», onde «toda a gente é muito simpática, os vizinhos são muito bem comportados, a comida é de primeira classe, há muito sol e pedras, mas, infelizmente, falta areia».

As circunstâncias arbitrárias da detenção de Bisher são narradas pelo seu irmão. Com um desprendimento e um sentido de ironia sublimes, Wahab-al-Rawi, um empresário iraquiano há muito radicado no Reino Unido, relata a sua detenção (e a do seu irmão) na Gâmbia. Wahab-al-Rawi, juntamente com um sócio, ia criar uma fábrica de óleo de amendoim na Gâmbia, na qual já tinha investido mais de 250 mil libras. Antes de partir para a Gâmbia, al-Rawi contactou responsáveis da Embaixada da Gâmbia e discutiu o projecto com vários departamentos do Governo britânico. À partida, tudo parecia correr bem, mas a passagem por Heathrow revelar-se-ia premonitória. Os problemas começaram com a chegada à zona das partidas do aeroporto. Al-Rawi, o irmão e o sócio foram interrogados por funcionários britânicos da emigração. Estes acabaram por os deixar embarcar. Mas, mal chegaram à Gâmbia, foram detidos e entregues às autoridades norte-americanas, que os interrogaram durante semanas a fio, num local ainda hoje desconhecido. Os norte-americanos suspeitavam que al-Rawi ia criar um campo de treino para militantes da Al-Qaida, apesar de todos os materiais por si comprados se destinarem à fábrica de óleo de amendoim. As autoridades norte-americanas e britânicas não acreditaram, e detiveram al-Rawi e o sócio durante 27 dias. Durante esse tempo, os interrogadores gastaram todo o dinheiro de al-Rawi e confiscaram o seu computador portátil e outro equipamento electrónico inofensivo. Ao fim desse tempo, al-Rawi foi colocado num avião de regresso ao Reino Unido, pois o facto mais incriminatório que os norte-americanos descobriram a seu respeito foi a sua amizade com um clérigo muçulmano, Abu-Katada (al-Rawi e Abhu Katada vivem no mesmo bairro). Mas o seu irmão, Bisher, bem como El Banna, não tiveram tanta sorte. Desde então têm estado sob a custódia norte-americana. Os dois homens foram transferidos da Gâmbia para a base de Bagram, no Afeganistão, e depois foram enviados para Cuba. Até hoje, al-Rawi não sabe por que é que o seu irmão está em Guantánamo. A única coisa que lhe ocorre (para além da relação com Abhu Katada) é o facto de o seu irmão adorar andar de mota, ser um fanático do exercício físico, e de possuir um brevet para pilotar aviões. Bisher e El Banna continuam detidos na base americana nas Caraíbas, apesar de o Governo britânico já ter apelado à sua libertação. Quase tão absurda é a história de Jamal Al-Harith, recentemente libertado de Guantánamo. Al-Harith, um muçulmano britânico de Manchester que resolveu ir conhecer o Paquistão das suas origens, foi prisioneiro dos Taleban antes de ser capturado pelos norte-americanos. Depois de ter passado meses detido pelos Taleban, a Embaixada britânica em Cabul prometeu colocá-lo num avião de regresso a casa. Mas, por razões que este desconhece e que não foram divulgadas, os norte-americanos decidiram detê-lo para interrogações e depois enviaram-no para Cuba. Al-Harith foi entretanto posto em liberdade.

A segunda parte da peça descreve a vida dos detidos em Guantánamo. À luz das técnicas de interrogatório utilizadas pelas autoridades norte-americanas em Abu Ghraib, o relato dos prisioneiros de Guantánamo surge como inteiramente verosímil. Se no início enviavam cartas irónicas à família onde descreviam o Campo Delta como uma espécie de estância balnear, no final os relatos são marcados pelo desespero, humilhação e vazio. Um a um, os prisioneiros descrevem a sensação de viver numa «gaiola» onde há luz constante, onde passam grande parte do dia espartilhados no «grilhão triplo», em suma, num ambiente que os despojou da sua dignidade humana. Um a um, os detidos mostram como a passagem do tempo os colocou nos limites da depressão. Cada um relata os maus-tratos a que é sujeito quase diariamente: da violência física à ausência de medicação adequada, das horas intermináveis de interrogatórios à falta de água para fazerem as abluções na hora das orações.

Nesta parte, as personagens mais marcantes são Moazzam Begg, que ainda hoje se encontra detido em Guantánamo, e o seu pai, que continua a exigir a libertação do filho. À semelhança de Bisher al-Rawi, Moazzam Begg não foi capturado no Afeganistão. Este muçulmano britânico foi capturado em 2002 por militares paquistaneses no Paquistão, país onde se encontrava, com a sua esposa e filhos, a fazer trabalho humanitário, e em 2003 foi transferido para Cuba. No início, Moazzam escrevia à família e lia o Corão para passar o tempo. A pouco e pouco, e ao fim de cinco leituras do Corão, a sua força desvaneceu-se, e entrou em depressão. O seu pai, representado por Badi Uzzaman, fala das cartas que não recebeu e chora pelas palavras que leu nas poucas missivas que lhe chegaram às mãos. Numa delas, Moazzam confessa estar num estado depressivo agudo por não ver o sol há mais de um ano (Begg esteve em solitária durante todo esse período), e de se encontrar à beira do desespero.

Os testemunhos dos prisioneiros são intercalados por declarações de advogados, activistas dos direitos humanos, e militares norte-americanos. Estes depoimentos servem para lembrar que o que se passa na baía de Guantánamo atenta contra todas as liberdades que a «guerra ao terrorismo» deveria defender. Não é difícil adivinhar a conclusão que as autoras da peça querem que a audiência tire: as regras arbitrárias e ilegais que Washington faz aplicar no Campo Delta assemelham-se em tudo aos regimes que a Administração Bush diz querer mudar.

O final da peça é igualmente dramático. A cortina não cai, pois o drama de Guantánamo ainda não terminou. Os detidos do Campo Delta continuam a viver num limbo jurídico (a peça foi escrita e produzida antes de o Supremo Tribunal ter decidido que os prisioneiros, definidos como «combatentes ilegais», têm o direito a recorrer às leis e aos tribunais norte-americanos) e sem saber o que o futuro lhes reserva.

PRODUÇÃO CONTIDA E LÚCIDA

Apesar de a mensagem de *Guantánamo* ser extremamente forte, a produção de Nicholas Kent é contida e lúcida. De resto, a reputação de Kent enquanto encenador de teatro

político é a de alguém que sabe tratar temas complexos com sobriedade e subtileza. Sem levantar a voz, *Guantánamo* deixa a audiência chocada perante esse paradoxo que é a violação de regras internacionais em nome da liberdade. Acima de tudo, Kent convida o público a pensar – e, na era da *reality TV*, isso é um feito louvável.

Enquanto documentário teatral, *Guantánamo* não revela dados até aqui desconhecidos do público. Na verdade, a principal força da peça reside precisamente no facto de se basear em acontecimentos e testemunhos familiares a qualquer pessoa medianamente informada. Por outro lado, este é um documentário que recusa a neutralidade e não hesita em tomar partido. Mas, segundo Kent, *Guantánamo* não é uma peça de *agit-prop*, pois não aponta culpados ou inocentes. O importante é chamar a atenção para o facto de toda a gente ter direito a um processo jurídico, explica o encenador.

A avaliar pelo silêncio que fica na sala no fim da representação, esse objectivo foi plenamente conseguido. Mas, ao contrário do que Kent deu a entender, *Guantánamo* aponta mesmo inocentes e culpados. Ao longo de toda a peça, há a presunção de inocência dos detidos britânicos em Guantánamo. Mas, a nosso ver, esta é uma «falha» desculpável. Afinal de contas, essa presunção baseia-se em factos que são do domínio público. E quatro dos seis detidos representados vivem hoje em liberdade no Reino Unido. **RI**